



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1160>



As portas abertas da história: a contribuição de Rita de Cássia Marques para a História da Saúde em Minas Gerais

Polyana Aparecida Valente*

ORCID iD 0000-0003-1441-328X

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto René Rachou, Belo Horizonte, Brasil
Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Ibititê, Brasil

Paloma Porto*

ORCID iD 0000-0001-8583-6592

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto René Rachou, Belo Horizonte, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, Brasil

Denise Nacif Pimenta*

ORCID iD 0000-0003-3248-9472

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto René Rachou, Belo Horizonte, Brasil

-
- * Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com orientação do Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira. Pesquisadora Colaboradora em Saúde Coletiva no Instituto René Rachou - Fiocruz Minas. Pesquisadora de Pós-Doutorado em História das Ciências da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (COC-Fiocruz). Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: polyvalente84@gmail.com.
 - * Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com orientação da Profa. Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo. Pesquisadora Colaboradora em Saúde Coletiva no Instituto René Rachou - Fiocruz Minas. Pesquisadora de Pós-Doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: palomaporto@gmail.com.
 - * Doutora em Ciências da Saúde pelo Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR-Fiocruz), com orientação do Prof. Dr. João Carlos Pinto Dias. Pesquisadora em Saúde Coletiva no Instituto René Rachou - Fiocruz Minas. Professora do Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: pimentadn@gmail.com.

Resumo: Esta entrevista trata da construção narrativa sobre a trajetória de vida e profissional da professora e pesquisadora Rita de Cássia Marques. Por meio da metodologia de história oral pública, visamos abordar o seu percurso no campo da História da Saúde e das Doenças, campo em que atua de forma substancial. A função social da memória de Rita pode servir como catalisador para reflexões mais amplas sobre a constituição do campo no Brasil. Além disso, pode nos auxiliar na reflexão sobre as contribuições da história para se pensar o tempo presente, assolado pelos contextos da pandemia de Covid-19. Rita nos proporciona uma viagem no tempo, que atravessa os caminhos de gênero, raça, envelhecimento e personagens históricos de temporalidades distintas.

Palavras-chave: História oral. História da Saúde. Gênero. Raça. Envelhecimento.

The open doors of history: the contribution of Rita de Cássia Marques to the history of health in Minas Gerais

Abstract: This interview deals with narrative construction about the life and professional trajectory of the teacher and researcher Rita de Cássia Marques. Based on the methodology of Public Oral History, we aim to address her journey in the field of Health and Disease History, a field in which she contributes substantially. The social function that Rita's memory can serve as a catalyst for broader reflections on the constitution of this field in Brazil. In addition, it can help us to reflect on the contributions of history to thinking about the present time, plagued by the contexts of the Covid-19 pandemic. Rita takes us on a journey through time, which crosses the paths of gender, race, aging and historical characters of different temporalities.

Keywords: Oral History. History of Health. Gender. Race. Aging.

Introdução

Com a pandemia da Covid-19, os historiadores estão vivenciando forte demanda pública. A sociedade procura obter respostas sobre como a História e as experiências epidêmicas passadas podem dar sentido ao que se vive hoje. De forma abrupta, vários holofotes se voltaram para o campo da História da Saúde e das Doenças no Brasil que, apesar da intensa produção acadêmica nas últimas décadas, ainda é um campo relativamente recente, se comparado às áreas mais tradicionais da historiografia profissional. No entanto, a pandemia transmutou o entendimento sobre o campo e pesquisadores que nunca publicaram sobre o tema começaram a se debruçar sobre o assunto. A pandemia ressignificou as formas de produzir o conhecimento histórico e os historiadores são confrontados com o próprio “lugar de testemunhas oculares de um evento histórico disruptivo” (Sá *et al.*, 2020, p. 16). Este cenário nos provocou indagações sobre o processo de consolidação do campo da História da Saúde no Brasil e, particularmente, em Minas Gerais.

Visando problematizar tais indagações, realizamos entrevista de história oral¹ pública com a pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a

professora Rita de Cássia Marques,² nos dias 22 e 23 de dezembro de 2020. O roteiro foi dividido em 5 perguntas norteadoras que pautaram sua história familiar, formação acadêmica e profissional, institucionalização do campo da História da Saúde, sobretudo suas vivências, conquistas, sonhos e afetos ao longo de sua trajetória. Procuramos focar sobre como a sua trajetória de vida e profissional está conectada ao processo de construção de um campo de saber e, como este, interfere na sua trajetória.

Rita Marques tem 57 anos, é uma mulher consagrada na sua área de atuação, produtiva e há alguns anos se prepara para aposentadoria. O diálogo com o tema do dossiê, parte do conceito de envelhecimento enquanto *locus* de produção de saberes, num campo em formação desde o final dos anos 1970. Ao narrar sua própria trajetória, Rita dialoga com gerações passadas, experimenta o processo de envelhecimento de sua mãe, especialmente no contexto da pandemia e se intitula “guardiã da memória” de personagens ícones da História da Saúde em Minas Gerais. Ou seja, ouvimos a reflexão de uma mulher negra intelectual,³ com longa trajetória profissional, sobre os dilemas enfrentados neste “lugar de fronteira”, com suas “portas” ora fechadas, ora abertas.

Na década de 1980, a partir dos movimentos de redemocratização do Brasil,⁴ as instituições que sofreram perseguições políticas lançaram mão da memória para

¹ Recentemente, observamos o aumento de historiadores que se dedicam ao debate sobre as dimensões públicas da História, quanto à promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão (Mauad; Almeida; Santhiago, 2016; Mauad; Santhiago; Borges, 2018; Grinberg, 2019, entre outros). Tais estudos propõem a construção de uma História colaborativa e atentam-se sobre como o conhecimento histórico é produzido e difundido. Nessa perspectiva, a História Pública propõe o entrelace com a memória social, as questões socialmente vivas, as formas de circularidades e o dialógico. Ou seja, os sentidos públicos da história. Como mostra Shopes (2016), há uma proximidade antiga entre História Pública e Oral, o que ela nomeou como parentesco radical. Ambas “fitam experiências sociais mais intensas a partir da requalificação da memória” (Meihy; Seawright, 2020 p. 164). Essa foi a nossa intenção ao propormos uma entrevista oral pública com a professora Rita de Cássia Marques, ampliar o diálogo e pensar as dimensões públicas da sua memória. Desse modo, seguindo os procedimentos metodológicos da entrevista pública, o roteiro de entrevista foi enviado antecipadamente, o que permitiu que a colaboradora organizasse sua narrativa. No processo de transcrição, fizemos primeiro a transcrição técnica e, posteriormente, decidimos seguir os fluxos narrativos da nossa entrevistada. Como trata-se de uma entrevista longa e cheia de nuances, com a colaboração da entrevistada, operamos recortes.

² Rita de Cássia Marques é graduada e mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e possui doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora titular da Escola de Enfermagem da UFMG. Coordenou a Rede de Museus da UFMG durante o período de 2013-2017. Integrou o Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira da História da Ciência (SBHC) e foi uma das fundadoras do Grupo de Trabalho em História da Saúde e das Doenças da Associação Nacional de História (Anpuh-Nacional). Atualmente é coordenadora do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG.

³ Interessante destacar que, apesar de Rita Marques afirmar que as questões de gênero e raça não interferiram diretamente em sua trajetória, é nítido a tônica do marcador raça na constituição da sua trajetória e na vida dos seus alunos negros.

⁴ O Brasil vivenciou 21 anos de ditadura civil-militar. O termo civil passou a compor a nomenclatura pelo entendimento de que parcela da sociedade civil contribuiu para o golpe militar de 1964 e para a sua longa manutenção.

relatar o que havia sido calado. Vários laboratórios da Fiocruz foram destruídos, pesquisas interrompidas e pesquisadores perseguidos. Esse evento ficou conhecido como “Massacre de Manguinhos”,⁵ marcando um tempo de perdas e apagamentos para a ciência nacional. A Fiocruz criou a Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade de preservação da memória da instituição com atividades de ensino e pesquisa em História da Saúde. Um dos projetos tocados pela COC foi o da Memória da Assistência Médica na Previdência Social que “permitiu pensar, numa perspectiva histórica, como a saúde poderia ser um direito universal no Brasil” (Gonçalves, 2016), convergindo iniciativas de diferentes instituições e pesquisadores brasileiros.

No âmbito mineiro, uma consequência dos debates em torno da democratização da saúde foi a inserção da disciplina de História da Medicina na Faculdade de Medicina da UFMG. Como a formação curricular impedia a inserção de disciplinas teóricas, a solução encontrada foi a criação do Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais (Cememor-MG),⁶ para que os alunos atuassem nas pesquisas e na expansão do acervo, transformando o Centro em laboratório. O início da trajetória acadêmica de Rita Marques está inserida nesse contexto de formação de acervos institucionais no campo da saúde.

Nos anos 2000, Rita marca seu engajamento mais efetivo no campo com a produção da sua tese de doutorado sobre o contato estreito do médico com o corpo feminino no início do século XX, em Belo Horizonte. Trabalho de fôlego desenvolvido na Universidade Federal Fluminense (UFF), a tese compôs a geração de estudos que contestou o “processo avassalador” da medicalização da sociedade com pesquisas pautadas em Michel Foucault, com foco em Minas Gerais. Percorrendo o trajeto que uniu a institucionalização da medicina às relações culturais de gênero, Rita Marques contribuiu para outros trabalhos importantes, como o de sua orientanda Isabela de Oliveira Dornelas, que recebeu o prêmio de melhor dissertação de mestrado pela Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) em 2020, na qual aborda a história do aborto como prática terapêutica no século XIX.

Assim como sua tese, a sua atuação na consolidação dos estudos sobre História da Saúde no Grupo *Scientia*,⁷ juntamente com as pesquisadoras Betânia Gonçalves Figueiredo e Anny Jackeline Torres Silveira, marcaram o campo em Minas Gerais. Rita Marques foi agente na formação de alunos, participando de projetos, eventos e construção de redes com diversas instituições brasileiras. Por tudo isso, procuramos, na

⁵ Sobre isso, ver: Lent (1978).

⁶ O Cememor-MG foi criado a partir da Resolução 02/79 do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina, de 12 de junho de 1979.

⁷ O *Scientia* - Grupo de Pesquisa em Teoria e História da Ciência - caracteriza-se por uma abordagem interdisciplinar da História da Ciência, focando especialmente em ciência e cultura. Sediado no Departamento de História da UFMG, o grupo estabelece relações com outros departamentos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Filosofia, Sociologia), como também com outras áreas

entrevista que se segue, dar destaque à sua jornada ao considerar as mudanças ocorridas no curso da vida, que caracterizam a experiência contemporânea do campo da História da Saúde em Minas Gerais.

“Eu tinha livro, jornal e conversa com gente que sabia conversar bacana”

Eu sempre falo que essa coisa de ser mulher negra não é uma entidade isolada. Eu sou uma mulher negra de uma família, de uma cidade, uma história. Na minha família, por parte de mãe, que é onde tem negros. Eu não conheço os negros da família de meu pai. A gente sabe que foi misturando, mas não é visível. Agora, na família de minha mãe eu conheci o meu avô que era negro, filho de escrava. A minha avó era branca, então os filhos são misturados. Esses são os avós que eu convivi. Então, quando eu falo do meu avô, eu estou sempre falando da família materna. O meu avô era analfabeto, mas era construtor de obras, ele tinha o registro do CREA (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia) na região de Conselheiro Pena (MG), não tinha engenheiro naquela época, nós estamos falando aí da primeira metade do século XX. Quem fazia a escrita era a minha avó, que era branca e alfabetizada. Os filhos, que são sete, cresceram com essa ideia de que o pai era importante. Meu avô negro, era um homem importante, quando ele morreu eu tinha doze anos. Ele tinha um casaco quase até o pé de lã inglesa e um anel de rubi.

A minha mãe queria estudar, ela é muito inteligente, mas meu avô não a deixou sair para estudar. Seus dois irmãos mais novos fizeram curso superior, então quando eu comecei a estudar no colégio, a minha tia já era professora da escola onde eu estudava e respeitadíssima. Então, eu cresci achando que eu ia ser professora. Isso não era um problema. Eu achava que era possível. Eu morava nos fundos da casa da minha avó, então eu convivi com essas pessoas. No quarto da minha tia tinha muitos livros. Eu convivi com livro, com jornal. Eu aprendi a ler no jornal e eu ia juntando letra. Eu estudava numa boa escola pública e isso eu acho que é fundamental. Minha mãe era servente do grupo, meu pai era carpinteiro. Eu era pobre, mas eu não tenho nenhum relato de sofrimento, nem de falta. Eu não passei fome, não tinha roupa rasgada. Nunca tive bicicleta, luxo, mas também nunca tive um histórico de sofrimento e de carência. Eu tinha livro, jornal e conversa com gente que sabia conversar bacana.

do conhecimento ciências exatas (Química, Matemática e Física) e ciências da vida (Veterinária, Odontologia, Biologia). Consolidou-se como espaço de reflexão sobre temáticas referentes à história da ciência. As atividades do grupo envolvem alunos de graduação e alunos de pós-graduação de diversas áreas do conhecimento. Uma das áreas fortes do grupo é a de História da Saúde e das Doenças, na qual Rita Marques atua desde os anos 1990.

Eu comecei a trabalhar com dezoito anos. Essas são questões muito importantes de lembrar nessa conversa. Eu convivi pouco com pretos, porque na escola que eu estudei no Colégio Municipal São Cristóvão, tinha que fazer prova de seleção. Entrava nessa escola quem passava na prova. Na minha sala tinha só mais uma negra. Uma menina, que é minha amiga até hoje e os outros, brancos. Então, eu não cresci pensando que as coisas iam ser impossíveis. Eu tinha amigos brancos e não me lembro de ataques, porque eu era negra. Eu me lembro da minha professora de pré-primário, elogiando meu cabelo. A minha avó trançava meu cabelo, fazia duas tranças e colocava fita. Eu estava sempre muito arrumadinha e a minha professora sempre, depois do recreio, quando chegava todo mundo descabelado, dizia para as essas meninas: “Olha a Rita como é que está toda arrumadinha”. Então, eu não tenho essa coisa de falar que na escola eles me faziam *bullying*. Eu ficava de castigo, porque eu era bagunceira, era agitada, mas eu nunca fui uma figura indesejada. As professoras e os colegas gostavam de mim. Estudar para mim era um caminho natural e eu escolhi História. Fiz o vestibular para História na UFMG e passei. Não teve dificuldade nisso e por que não teve dificuldade? Porque tive boa escola pública. Se não houvesse escola pública de qualidade, não seria fácil! Porque, provavelmente, meus pais não teriam dinheiro para pagar. Então, o que eu acho fundamental é a escola pública. Eu gostava de história e fui uma boa aluna.

Outra coisa importante dessa época é que eu fiz concurso público, quando terminei o ensino médio. Eu entrei no Inamps [Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social] em novembro de 1982, passei no vestibular, comecei a fazer o curso de História em março de 1983. Ou seja, quando comecei a fazer o curso de História, já trabalhava. Eu ganhava pouco, era agente de portaria. Eu entrei no cargo mais baixo do serviço público, enquanto fazia faculdade. O que é que um universitário precisa? Jeans e camiseta... Ainda mais na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas), não precisava ter luxo. Então, eu trabalhava e tinha dinheiro para essas coisas e comprar livros. Eu tinha uma conta na livraria do Zé Maria, no Edifício Maletta. Eu comprava muitos livros, eu gosto de livros. Fiz um bom curso, trabalhando e estudando.

Eu fazia História, trabalhava no Inamps, ou seja, na área da saúde, desde 1982. Em algum momento, juntaram as duas coisas. No Inamps eu fiz concurso interno, para agente administrativo e cheguei a chefe de seção.

“Aí ele envelhece e fica ali na porta esperando. Eu não envelheci na frente de porta nenhuma”

Uma das pessoas que cruzou esse caminho foi a professora Maria Efigênia Lage de Resende do curso de História. Uma pessoa com quem eu trabalhei. Uma pessoa que me ensinou a trabalhar como historiadora: fazer pesquisa histórica, procurar fonte, ir atrás das coisas e contextualizar. Efigênia é uma pessoa importantíssima na minha

vida, eu continuo amiga dela. Frequento a casa de Efigênia. Gosto de ser amiga dos meus mestres! Ela é meu exemplo de professora na História. Ela gostou tanto da minha seriedade, que ela começou a abrir portas. Um dia ela me ligou, eu já estava fazendo mestrado: “eu tenho três propostas para te fazer”. Primeira proposta, termina logo esse mestrado e faz seleção para o doutorado de Ciência Política. A segunda, era trabalhar na transcrição do *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais*, de José Joaquim da Rocha. Já a terceira, era trabalhar com a memória da bioquímica, com o professor Carlos Ribeiro Diniz. Eu respondi que estava gostando de fazer mestrado, não queria terminar de qualquer jeito, mas que aceitava as outras duas. Ou seja, eu trabalhava no Inamps, fazia mestrado e aceitei duas propostas da Efigênia. Esse telefonema foi muito importante na minha vida. O maior desafio foi trabalhar com o Prof. Carlos Diniz do Instituto de Ciências Biológicas (ICB-UFMG). Eu não o conhecia e aí no primeiro dia que fomos conversar, ele disse o seguinte: “você tem pretensões acadêmicas?”. Como eu gosto do sim, disse sim. E ele disse: “vamos cuidar disso!”. Ter encontrado pessoas que abriram portas, foi muito importante. Aí essa coisa de ser negro eu não senti, entendeu? Se eles fizeram isso com dó de mim, eu não tive essa sensação. Foi isso, perguntas e respostas. Eu podia ter escolhido outras coisas, podia ter escolhido fazer doutorado em Ciência Política. Era outra história e eu não estaria aqui com vocês. Depois do livro da *Geografia histórica*, eu continuei com a Efigênia. Ela coordenava um grupo de pesquisa sobre a história da UFMG, e como eu já estava pesquisando no ICB e na Faculdade de Medicina, ela me chamou para trabalhar com a área da saúde da UFMG.

Aí abriu um concurso para História Medieval. Comprei muitos livros e fui estudar. No concurso, tinha dois pontos sobre a Península Ibérica, sorteou um ponto, eu entendi que era o outro. Preparei a aula para o ponto errado e não passei. Eu fiquei desolada, porque foi a primeira vez que eu não passei. Eu era uma boa aluna, passava em tudo. Estava chateadíssima! Eu estava triste, arrasada e uma grande amiga que morreu em 2020, Profa. Glícia Saboya, da Universidade Federal Juiz de Fora (UFJF), me disse: “Rita, vai abrir um concurso na Enfermagem e não precisa ser enfermeira. É para dar aula de metodologia. Você já está no Campus Saúde, por que não tenta?”. Era um consolo... Como eu falei, eu gosto do sim, eu fui fazer o concurso. Eu não sabia onde era a Escola de Enfermagem, eu entrava na Medicina, pesquisava no Centro de Memória da Medicina e ia embora.

Nessa época, eu tinha tendinite e estava de licença do Inamps. Estudei metodologia e fiz a prova. No dia da prova didática, eu estava com o braço inchado, doía demais. Eu peguei uma notícia de jornal sobre as pesquisas que estavam fazendo sobre a minha doença, que na época chamava LER (lesão por esforço repetitivo), fiz uma transparência e dei a aula sobre pesquisa qualitativa e quantitativa em cima daquela notícia. Eu não passei em primeiro lugar, fiquei em segundo, afinal nem tinha entregado o planejamento! Formalmente eu não cumpri as tarefas, mas eles ficaram encantados com a aula! A primeira colocada entrou, e eles ficaram tentando me levar.

O departamento tinha uma outra vaga que era para professor mestre que não tinha sido preenchida em um concurso anterior. Meu departamento instruiu a representante da Escola no Conselho Universitário, para defender que eu ficasse com vaga de professor mestre, no lugar de abrir um outro concurso para professor auxiliar.

A Profa. Efigênia era do Conselho Universitário, e estava preparando um concurso para História da Ciência, o primeiro da área, na FAFICH. Quando ela vê a mobilização da Escola de Enfermagem para me contratar, ela vai ao banheiro e me liga: “Rita, que é isso? O povo quer te levar para a Enfermagem! Você quer ir? Você não quer fazer o concurso na História?”. Aí é o negócio do sim, né? Olha as escolhas. Aí eu falei: “eles estão brigando para eu ir? Eles estão fazendo questão? Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando. Eu vou para a Enfermagem”. Assim! Aí eu fui para a Enfermagem, não fiz o concurso de História da Ciência. O Mauro Condé, fez e passou!! O filósofo Mauro Condé foi para a História e eu fui para a Enfermagem. Lá eu sou a única historiadora, isso tem problemas e vantagens. Não ser enfermeira é um problema, fico restrita, teoricamente, à metodologia e à educação. A vantagem vem da interdisciplinaridade. Para o concurso de titular, quase enlouqueci juntando os comprovantes de tudo que eu tinha feito na Escola de Enfermagem! Um grande orgulho foi ter participado da criação do curso de Nutrição e ter sido a sua primeira coordenadora. O Conselho Regional de Nutrição (CRN-9), se assustou com o fato de uma historiadora ser coordenadora do curso de Nutrição. O meu diretor na época disse: “olha, isso aqui é UFMG. Ela está aqui respaldada por todos nós e ela que vai ficar!”.

Outra pessoa fundamental no curso de Nutrição e na minha vida, foi a Professora Roseni Rosângela de Sena. Ela era diretora da Escola de Enfermagem quando foi à inauguração do Serviço de Nutrição Dietética do Hospital das Clínicas de manhã. Roseni disse assim: “gente, o reitor chamou a atenção que uma universidade desse tamanho não tem o curso de Nutrição. Ela queria que a Escola de Enfermagem tivesse outro curso, pois era muito pequena e não sobreviveria com um curso só, porque as verbas estavam relacionadas ao número de alunos. Então, desde essa primeira conversa sobre a criação do curso de Nutrição, eu estava no grupo, participei da comissão que funcionou de 1999 até 2002. É aquela história de fazer muita coisa. Nesse mesmo período, eu estava no doutorado, pesquisava e organizava os acervos do Centro de Memória da Medicina e era secretária da comissão de criação do curso de Nutrição. Quando eu voltei do doutorado, me tornei coordenadora *pro tempore* e depois fui eleita coordenadora. Fui professora do curso de 2004 a 2019, foram 24 turmas de Nutrição e tenho o maior orgulho disso! Dava aula nos primeiros períodos de Alimentação e Cultura, Ética e Cultura e Capacitação Nutricional. Por causa disso, entrei para o grupo de História da Alimentação, do Prof. José Newton Coelho de Meneses. Eu gosto de falar uma coisa, que é a seguinte: tem porta fechada? Tem. Mas não necessariamente ela está trancada. Tem que testar o trinco. Eu testei alguns trincos, estava aberto e eu entrei. Tem um texto da filosofia que eu amo. Tem uma pessoa que fica na porta, o guardião.

Tem um homem que fica anos na porta esperando o guardião liberar sua entrada. Ele envelhece esperando. Até que um dia o guardião diz que a porta não estava trancada, o homem é que nunca tentou entrar. Eu não envelheci em frente de porta nenhuma. Algumas como a da História Medieval não abriram. Não virei medievalista, mas abri a da Escola de Enfermagem, a porta da Nutrição e muitas outras. Eu tenho ideia de que tem porta que está fechada, mas não trancada, tem que testar o trinco e isso evita um pouco a ideia de sofrer. Não paralisar porque sou mulher, porque sou preta, porque não sou médica, porque não sou enfermeira...

Ter passado no concurso de professor titular na Enfermagem foi muito importante. Eu tenho certeza de que eu não passei com 100. Eles não falam a nota, mas eu não tinha perfil do 100. Para isso, precisaria, no mínimo, ser enfermeira, mas eu passei. Eu consegui mostrar que nos 22 anos que eu trabalhava lá, eu tinha uma produção muito consistente. Especialmente, pelo Centro de Memória da Enfermagem (Cemenf), que fiquei de 2005 a 2021. Eu sempre dei aula na pós-graduação, mesmo não sendo professora permanente, afinal eu nunca deixei de produzir como historiadora. Mesmo assim, há mais de 10 anos eu oriento no mestrado e doutorado e eu sempre dei aula na pós. Eu tenho uma disciplina que se chama Filosofia e Saúde, trabalho também nas disciplinas de Tendências e Correntes do Pensamento, Prática Docente, Educação e Saúde, entre outras.

Na enfermagem eu sou da área de Educação e Saúde. Eu tenho um livro com dois colegas sobre Educação e Saúde. Algumas colegas me pediram para colaborar nas publicações. Na área da saúde é diferente, um artigo pode ter vários autores. Assim eu fui conseguindo publicação nas revistas da Enfermagem, pelo menos o suficiente para eu ser colaboradora no programa da pós. Nesse meio tempo, eu publiquei minha tese de História. As parcerias com a Fiocruz geraram um trabalho muito importante, como o livro da *História da saúde em Minas Gerais*. Foram quatro ou cinco anos de pesquisa e uma equipe enorme. Vasculhamos os hospitais, levantamos documentação... Eu tenho publicações na Enfermagem e na História, porque tenho e gosto de parcerias.

Na pós-graduação em História, eu sou professora permanente e até 2021, membro do colegiado da pós-graduação. Na Enfermagem, estou com duas mestrandas e na História eu estou com duas doutorandos e dois mestrandos. E vai indo, Saúde e História. Uma das minhas doutorandas, a Isabela Dornelas estuda como eu, a assistência médica às mulheres. Ela ganhou o prêmio de melhor dissertação, pela SBHC, em 2020. Fiquei muito feliz! Com o prêmio a gente vai subindo de patamar. É bom ganhar uns prêmios, fazer concurso de titular e passar.

Eu me envolvo com muitas coisas, mas termino muita coisa também. Eu devo isso a Efigênia, devo isso ao Professor Diniz e a Roseni. É interessante que essas três pessoas que me abriram portas, são professores eméritos da UFMG pessoas reconhecidas por formar gente. A Efigênia foi minha professora um período muito pequeno, porque na época que eu fiz graduação, ela trabalhava na Reitoria. Ela era Chefe de Gabinete do

Reitor Cid Veloso. O Prof. Carlos Diniz e a Roseni não foram meus professores. Eles me deram oportunidades e eu as agarrei. O Professor Diniz dizia: “um bom mestre é o que cede o ombro para o discípulo ver mais longe”. Essa frase não era dele, mas era o que ele fazia. Ele mandou todo mundo para capacitação fora do país. Eu fui para a Alemanha, aprender sobre preservação de acervos! Então, eu encontrei essas pessoas, segui o que elas falavam e deu certo.

“‘Cadê a professora Rita?’ e eu dizia: ‘sou eu’, aí você via o rosto, as pessoas se espantam”

Eu comecei a estudar História da Bioquímica e as fontes da pesquisa estavam na Faculdade de Medicina, e foi lá que eu comecei a ver as questões da desigualdade. Porque na Medicina tem o negócio do médico ser superior e eu não era médica. Eu fui para o Centro de Memória da Medicina (Cememor) e lá era aquela história mais tradicional. Quando eu cheguei, eles perguntaram meu nome e eu respondi: Rita Marques. “Mas a sua família é de onde?”. Sabe aquele negócio de onde que é a sua família? Além disso, lá tinha essa coisa do doutor e do não doutor.

Trabalhava na organização do Cememor, tinha muita caixa para abrir e limpar, eu e a Profa. Anny Jackeline Torres Silveira. Nossa parceria vem de lá. Era caixa até o teto e tinha que abrir tudo! Eu arranjei um guarda-pó azul. Os médicos tinham o jaleco branco. “Pô, neguinha de guarda pó azul deve ser da faxina”, mas sinceramente, gente, isso nunca foi coisa que me barrasse. Porque minha mãe era servente escolar e era poderosa na escola dela, todo mundo a respeitava. Ser faxineira não era algo que me desvalorizava. Se alguém pensava que eu era uma faxineira, isso não me humilhava, sabe? Às vezes, chegava alguém perguntando: “cadê a professora Rita?” e eu dizia: “sou eu”, aí você via o espanto no rosto das pessoas. Mas, eu começava a conversar e pronto.

Quando eu terminei meu doutorado, a coisa ficou mais pesada. Foi a sensação que eu tive, porque com o doutorado eu fiquei no nível deles. Eu era doutora, de uma universidade respeitável, nível 7 pela Capes,⁸ a UFF. Eu convidei o fundador do Cememor para ser da minha banca e ele foi. Quando eu terminei o doutorado, fizeram uma festa para mim na Medicina. Eu estava lá há anos, eu conhecia todo mundo. Nessa festa foi o pessoal da faxina, diretor da faculdade de Medicina, minha família..., saiu no jornalzinho da Faculdade de Medicina, entendeu? Foi o ápice! Logo depois, vieram os problemas e eu saí do Centro de Memória. Eu acho que foi uma das fases mais dolorosas da minha vida. Porque eu achava que o Cememor era um lugar que eu ia

⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ficar para o resto da minha vida. A gente já tinha feito tanta coisa, mudado tanta coisa e era meu projeto de extensão! Teve um momento que o diretor falou que as pessoas tinham que dizer o porquê eu não podia ficar mais, qual era o problema? Aí um senhor fala assim: “se eu falar, eu acabo com a carreira dela”. Isso foi brutal, porque a carreira que eu tinha, foi construída e avaliada pela universidade. Nesse dia eu desisti de ficar. Certamente nunca falaram por que não queriam mais, mas eu suspeito que tem a ver com o fato de que eu não era mais a moça que limpava livros. As pessoas chegavam lá procurando a professora Rita e eu fui virando referência. Então, a partir do momento que eu comecei a ser a pessoa procurada, foi fatal. Ninguém falou nada. Esse é um episódio de silêncios.

“Você vai arrumar esse cabelo, né? Porque agora você vai frequentar o Hospital das Clínicas e aquele pessoal não é brincadeira, não”

Quando eu ganhei assento em outros lugares, como o Conselho Diretor do Hospital das Clínicas. Eu tinha uma colega que era uma dessas enfermeiras mais antigas, rígida, enfermeira de CTI. Na época eu tinha um cabelo todo anelado, sabe? Ela me chamou e disse: “Você vai arrumar esse cabelo, né? Porque agora você vai frequentar o Hospital das Clínicas e aquele pessoal não é brincadeira”. Comecei a frequentar salão toda semana e ter cabelo de escova. Ela era minha amiga e eu sabia que ela gostava de mim. No Hospital das Clínicas eu nem sei se teria diferença de julgamento, ou se era ela com a cabeça mais antiga. Um dia eu contei esse caso e disseram que era um absurdo ela dar palpite nesse tipo de coisa, mas eu disse: “Gente, ela conhece os lugares!”. E mudar o cabelo, não era problema, pois gosto de mudar. Eu já tive esse cabelo natural, já tive mais comprido e com trança, bem curtinho. Eu achava até bacana fazer aquele cabelo no salão, eu era a alegria das manhãs de sábado, no salão.

Eu tinha uma chefe no Inamps, branquinha, delicada, um dia eu estava na faculdade e eu tinha o cabelo encaracolado, eu falei para ela: “[...] porque a gente é negra [...]”. Ela disse: “não, Rita, você não é negra, você é moreninha”. Essa é uma forma das pessoas darem conta, vão clareando a gente. À medida que a gente vai clareando, fica mais palatável para elas. É difícil tomar consciência e acho que é por isso que muitos chutam a porta. Eu poderia ter tido uma reação exaltada, mas eu não sei se ia adiantar alguma coisa. Tem que respirar.

Ano passado eu fui em um evento de alunos negros, na Semana da Consciência Negra. Eu ouvi muitos alunos revoltados por serem tratados como diferentes, como que é ruim a vida do estudante negro, que precisa arrombar as portas. E aí eu disse: “Tenta ver o trinco. Por que vai chutar a porta?”. Eu ficava vendo como que muitos sofrem e talvez eu não tenha sofrido tanto, porque se tem um jeito mais fácil, vamos do jeito mais fácil. E aí algumas coisas vão dando certo. É o meu jeito assim. Por que que

vai chutar a porta toda hora? Eu sempre consegui entrar eu não precisei chutar portas, mas acho que se precisasse eu chutava.

Sou assinante e amiga da Filarmônica, às vezes eu olho na plateia e quase não tem negros. Só que eu comecei a frequentar esses concertos quando eles eram gratuitos, no Parque Municipal. Ali, não tinha a menor diferença se as pessoas eram pretas ou brancas, porque todo mundo estava sentado no chão. Então, quando eu fui assistir orquestra em outros ambientes, para mim era natural. Era a mesma música, entendeu? Além disso, na minha casa todo mundo gostava de música e cantava em coral. Eu gosto de música e confesso que o dia da glória total foi quando assisti uma ópera na tribuna da Ópera de Paris. Fui a lugares que eu comecei a frequentar sem drama. Eu acho que tem essa coisa do lugar do pobre, do preto, se a gente incorpora aquilo. Para mim não tinha isso. O lugar que tem as coisas que eu gosto, eu vou.

Já desfilei em escola de samba, do Rio de Janeiro, porque eu gosto. Já fui campeã pela Vila Isabel! Eu já fui a Rainha da Pipoca lá na Escola de Enfermagem. Porque quando eu era pequena, eu não conseguia ganhar. Quem vendia mais votos, era a Rainha da Pipoca. Eu nunca consegui. Sempre tinha os filhos da diretora, das pessoas mais importantes... A Enfermagem era muito alegre, isso é uma coisa que eu gostei muito de ter ficado na Enfermagem. Eu podia ter feito concurso em outros lugares, mas eu gostei do astral da Enfermagem. Eu acho que tem a ver com o fato deles lidarem com a morte e com a dor. São pessoas muito mais dispostas para a festa. Aí teve uma festa junina e eu pensei que lá eu conseguiria ser a Rainha da Pipoca, inventei o concurso, todo mundo achou ótimo, mas ninguém se candidatou. Eu coleei pipoca num vestido que eu tinha, desfilei e fui coroadada!

Eu fui noiva, vestida de vermelho, em outra festa junina da Escola que também foi um sucesso. Ninguém esqueceu dessa festa! Então, na Enfermagem, eu achei um lugar que dava para ser alegre, dava para transgredir. Essa convivência com a dor e a morte transforma as pessoas. Não é a reflexão sobre a dor e a morte. É a vivência sobre a dor e a morte. Então, elas vivem intensamente. Por isso que eu fiquei lá. Quando, no concurso para titular, eu olhava as pastas de certificados pensei: trabalhei e ainda trabalho muito, mas festejei muito também!

Até o ano passado eu dava aula para o primeiro período do curso de Nutrição. E eles falam como foi importante ter encontrado, no primeiro período, uma professora negra. Muitos falam que até aquele momento não tinham tido uma professora negra. E, às vezes, se formam, sem ter outras. Por não ser enfermeira, nem nutricionista, eu oriento muito pouco TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), mas ultimamente eu comecei a orientar TCC de alunos negros. Duas alunas da Nutrição resolveram fazer um trabalho sobre alimentação quilombola. Eu não sabia nada de alimentação quilombola, mas se eu não aceitasse orientar, quem ia orientar essas meninas? Eu que nunca orientei TCC, estou começando a orientar de alunos negros. Eu tenho importância na formação desses estudantes.

Na primeira turma de alunos da Nutrição, quando eu era coordenadora do curso, em 2004, tinha uma aluna negra. Agora, mudou demais. Eu tenho muito mais alunos negros do que eu tinha antes. Tanto é que são poucos os professores negros no curso de Enfermagem. Nesse sentido, eu acho que eu tenho uma importância no Departamento e na Escola.

“Qual a chance que eu tenho, sendo da História, de trabalhar com História da Ciência?”

Na História da Ciência, os primeiros eventos que eu frequentei foram de História da Medicina e quem ia a esses eventos na década de 1990, eram médicos. Eles me chamavam até de Dra. Rita, porque todo mundo era médico nesses espaços. Mas ali era diferente, porque no final, “ah, ela é da História”. Então tinha um estranhamento de ser da História. Em 1994, quando eu estava começando no trabalho da bioquímica, eu tinha que procurar os historiadores da ciência. Eu me lembro que eu fui em um evento de História da Ciência na SBPC, em Vitória, tirei férias e fui. Matriculei em um daqueles minicursos e no último dia, eu perguntei à professora, que era química e trabalhava com História da Ciência na PUC (Pontifícia Universidade Católica), Ana Maria Goldfarb: “qual a chance que eu tenho, sendo da História, de trabalhar com História da Ciência?”. Ela falou: “a mesma desse pessoal aqui que é da ciência e tem que trabalhar com história. Você vai ter que conhecer um pouco da ciência e eles vão ter que conhecer um pouco da história”. Essa professora com quem eu cruzava nos eventos, foi uma pessoa que me acalmou. Eu não sei de química, não sei de biologia, mas o cientista não sabe de história. Então, tem que aprender. Pronto, eu me meti numa área que tem gente falando outras coisas que eu não sabia.

Quando eu fui fazer doutorado na UFF, em Niterói, eu conheci a Ana Beatriz, que era da COC, a Bela. A Bela me apresentou a Dilene Nascimento, uma médica, que trabalhava com história da tuberculose. Ter ido para o Rio e ter encontrado o pessoal da COC foi um alívio. Aí eu sosseguei. Eu me juntei com a Dilene e com a Betânia Figueiredo, da História (UFMG), que estava vindo da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). A Anny, no ano seguinte, foi fazer doutorado na UFF. Nos juntamos e formamos o Grupo de Trabalho (GT) de História da Saúde e das Doenças. A Dilene era da História da Doença, mas eu falei: “Dilene se for só doença para mim não dá. Tem que ser História da Saúde e da Doença. Porque tem que caber outras coisas. A gente está só começando. Não dá para ser só uma coisa”. Aí o nosso GT nasceu História da Saúde e da Doença, como um grupo de trabalho na Associação Nacional de História (Anpuh), com regionais no Rio de Janeiro, o de Minas, e Rio Grande do Sul, com a Beatriz Weber. Temos esse grupo até hoje. Toda a Anpuh e SBHC a gente propõe

simpósio temático, que cabe todo mundo e o pessoal vai entrando, vai especializando, vai saindo. Eu acho isso bom. É uma questão de perfil.

“Deixa os meninos. Dou conta? Dou. Não dou conta? Tenho lá meu burquinho. É uma geração diferente”

Logo que eu entrei na universidade, tinha um curso de formação docente, onde eu li um cara fundamental, o Pierre Levy. Ele trabalha com tecnologia virtual, eu comecei a ler, e descobri o que era intertextualidade. Eu gostei tanto disso! Ele falava que na *internet*, você vai clicando e vai abrindo janelas. Às vezes você nem sabe qual foi a primeira janela que você abriu, porque um texto vai entrando no outro. Eu sou assim. Eu não sei citar o conceito, às vezes, mas eu entendo o conceito.

E tem outra coisa. Por que eles me quiseram na Enfermagem? Porque a Enfermagem estava numa fase de mudança curricular e tinham que ter interdisciplinaridade, eram muito técnicas, como Farmácia, Enfermagem, só tem farmacêutico, enfermeiro. Então, foi a oportunidade de ter alguém de outra área que pudesse fazer essa conversa. O que mais me seduziu na Enfermagem foi o interdisciplinar. É o meu diferencial. Eles nunca me cobraram para ser especialista. Sabe quantos departamentos foram necessários para criar o curso de Nutrição? Dezessete! As reuniões do curso de Nutrição eram uma festa para mim, tinha gente da Medicina, do Hospital das Clínicas, da Psicologia, da Geografia, da Química, do ICB. Essa comissão foi a melhor da minha vida. Gosto dessa possibilidade de reunir pessoas diferentes, que acontece com frequência na universidade. Eu sou da UFMG Jovem, que reuni gente de áreas diferentes. Sempre aproveitei isso na universidade. Então, com esse meu perfil, sou mais generalista. Eu aprendi isso na intertextualidade, sou capaz de dar uma aula das 14h às 18h sem PowerPoint. Eu via a aula que eu ia dar naquele dia e ia no meu armário e pegava uma pilha de livros. A pilha de livros era um conforto, não precisava abrir. A aula saía. Se eu precisasse eu sabia que estava ali.

Vocês não precisam ser como eu. Vocês já podem se anunciar como especialistas na história das ciências! Na época que eu comecei não podia me dar aquele luxo. Não ia dar certo, nem na Enfermagem, nem na História. Porque na época da minha defesa de mestrado, na História, uma professora elogiou meu trabalho, mas disse: “Excelente seu trabalho, pena que você está nos abandonando”. Naquele momento, ir trabalhar com a História da Medicina, com a Bioquímica, era sair da História. Então, não dava para ser especialista naquele momento, não havia espaço para isso. A gente tinha que ter esse perfil variado, porque era o possível. Deixa os meninos serem especialistas! Dou conta? Dou. Não dou conta? Tenho lá meu burquinho. Agora, eu percebo que são coisas muito diferentes. Às vezes eu escuto um tanto de autores que eu não conheço.

Já tem uma geração de livros que eu não domino. Porque eu não sou uma especialista, e vocês vêm com uma leitura do especialista em autores. Eu tenho ciência da minha ignorância. Vocês hoje têm muito mais coisas para ler, a gente não tinha tanta literatura e eu ainda conseguia ler em francês, inglês mais ou menos. Até nisso eu sou diferente. Eu leio francês e os franceses, nesse meio tempo, perderam o posto. Na História, os franceses são muito importantes. Na História da Ciência a maioria está em inglês. É uma geração diferente.

“Eu comprei o livro da bailarina e vou comprar os outros que aparecerem. Porque é isso, o que eles fizeram com aquilo que a gente fez?”

Novos personagens... eu comprei o livro *A bailarina da morte*. Eu acho que eu tenho que ler o livro da bailarina, porque ali tem um papel importante também. Porque quando a gente começa a estudar, a gente faz o que precisa fazer e o que as fontes estão indicando. Eu estudei muito a história da saúde em Minas, sobre o bócio endêmico, estudei a gripe espanhola e entreguei o tema da gripe pra Anny. Mas ela é mais... a dupla dá certo porque a Anny vai na profundidade. Eu fiz um artigo e a Anny fez uma tese sobre a gripe. Hoje, temos a tese da Anny, tem a da Cristiane na Bahia, da Liane, tem gente que escreveu sobre a doença em vários estados do Brasil. E tem gente que é assim: pega esses trabalhos prontos e faz relato geral, divulga para uma parcela maior da população.

Eu acho que tem a sua importância. Só foi possível sair o livro da “bailarina” no ano da epidemia, porque tem muitos trabalhos prontos. Não dava para escrever um livro desse no ano da epidemia, pesquisando gripe espanhola no Rio, em São Paulo, em Minas, na Bahia, não dá tempo. Nós temos um papel muito importante que foi trabalhar com esses temas num momento em que ninguém trabalhava.

A gente tem que ter uma postura de pesquisador, vão aparecer os personagens novos. Eu vi na época que começou a pandemia, que eu, a Denise Pimenta e a Anny fomos fazer o artigo sobre Covid, não tinha nada. A gente lia os autores italianos, americanos, chineses. Graças a Deus não estava em chinês, mas em inglês. Eu olhava e não conhecia nenhum desses autores e me perguntava quem são esses caras? Porque na História da Saúde eu acho que conheço todo mundo. Posso não ter lido todo mundo, mas conheço, sei quem é que pesquisa. Agora tem uma produção que eu não sei de onde vem, apareceram novos autores, em menos de um ano.

Eu acho que nesse momento a gente precisa ter postura. Olha, eu pesquiso isso e vai ter que apresentar a pesquisa. Eu acho que essa coisa do historiador com a fonte, eu sempre fui da fonte. Por ter entrado na história da bioquímica, passando pelo Centro de Memória, eu sempre trabalhei com documentos. Minha referência sempre foi mais

pela fonte, do que pelo teórico. Eu tenho um tanto de alunos aos quais eu fui indicando fontes. Eu acho que o historiador é isso.

Porque eu acho que o que vai diferenciar é isso. Onde é que eu estou fazendo pesquisa? As pessoas sabem onde é que se pesquisa saúde e doença? É no jornal? A gente faz pesquisa em jornal. Mas tem outros lugares para além do jornal. Você já foi no Arquivo da Rockefeller? Tem que ir lá. Acho que a gente tem que se apropriar das fontes, dos espaços, dos lugares, das conversas e continuar produzindo. Deixar o povo escrevendo sobre isso, só que vai ter um limite, que é a questão da pesquisa. Onde você está pesquisando? Quem são os personagens? Porque quando você não é da área, você passa pela notícia. É mais uma pessoa para trabalhar nesse grupo, sobre essas coisas. Conversar com esses personagens, entrevistar o enfermeiro, o médico, ou fonoaudiólogo. Porque pesquisar jornal, todo historiador pesquisa. É aí que está o diferencial. Porque se você não sabe, se você não é do ramo, você vai passar por cima. Eu não tenho medo, esse momento é assim mesmo. Todo mundo tem que produzir, tem que dar uma opinião. A pandemia virou o mundo de cabeça para baixo.

O que se fala é o seguinte: “ah, mas não pode privilegiar só a saúde, porque a economia tá indo pro buraco”. Mas por que a economia está indo para o buraco? Por causa da saúde. As pessoas estão sendo obrigadas a fazer essa ligação. A saúde não era algo a ser considerado. Eles consideravam a economia, a política, a cultura, a sociedade. Aí estuda a política e pega um pouquinho da saúde. Mas tem um estudo que é específico desse campo, enquanto um campo importantíssimo para a questão do viver em sociedade. Pronto. Eu não posso mais viajar, eu não posso mais ir ao teatro. A história da cultura do Brasil mudou esse ano. A história da economia no Brasil, também. Eu acho que nesse momento todo mundo vai falar. Vamos ver se daqui dois ou três anos todo mundo ainda vai falar disso, ou se já mudou de tema. Na hora que eles mudarem de tema, a gente continua. Mesmo com os novos personagens na cena, ainda tem muita demanda e principalmente para falar mais geral. Para falar desse caminho não dá para ser quem chegou agora. Eu já falei umas três ou quatro vezes nesse tipo que eu estou falando com vocês. Como é que foi? Por que este campo não surgiu este ano? Embora tenha sido descoberto este ano, o pessoal da História da Saúde é interdisciplinar e está na batalha há muitos anos.

Por ser interdisciplinar, a História da Saúde incorpora autores da Sociologia, Antropologia, Filosofia, Medicina, etc. Até chegar à literatura dos historiadores, demorou. Por exemplo, o livro do Le Goff, *As doenças têm história*, é de 1985, mas eu só o li na década de 1990. Na década de 1980 eu li o Le Goff da História Medieval. Esse livro eu nem sabia que existia. Foi na década de 1990 que eu li o pessoal da História da Ciência, que é um outro grupo e não tinha historiador. Na década de 2000, começa a ter produções historiográficas no Brasil, bem mais variadas e de boa qualidade. Essas pessoas que estavam vindo de outros lugares começaram a produzir História da Saúde. Mas eles se formaram como eu. Eu me formei em História e não ouvi falar de gripe

espanhola. Quando eu descobri a quantidade de gente que morreu na gripe espanhola, eu quase caí para trás. Aí na década de 2000 é o momento que eu e a Anny entramos no doutorado e vai se juntando ao grupo da Fiocruz. A gente tinha que fazer junto, descobrir o livro junto e aí você vai formando a bibliografia, entendendo quem são as pessoas, formamos as redes.

“Eu acho que o maior impacto de ter ficado em casa, foi ter ficado mais próxima do processo de envelhecimento da minha mãe”

Eu era rueira, vivia na rua. Não tinha um fim de semana que eu parasse em casa. Então, tem um baque de cotidiano que é enorme. Por outro lado, eu sou canceriana com ascendente em Aquário. O Aquário é do mundo, mas o Câncer é de casa. Então, eu me dou muito bem com isso de ir mundo afora, mas eu não tenho desconforto de estar dentro de casa. Aqui tem meus livros, meus discos, tinha meu papagaio, que eu fiquei sem ele, muito triste... e aqui tem minha mãe e minha irmã.

Eu acho que o maior impacto de ter ficado em casa foi ter ficado mais próxima do processo de envelhecimento da minha mãe. Como a gente sai muito, vê muita coisa, a gente não vê o dia a dia, embora morasse junto. É diferente. Semana passada deu conta de fazer, essa semana não está fazendo mais. Isso está doendo. Meu pai morreu com 57 anos, ele não envelheceu. A minha avó, que era a pessoa mais próxima, morreu com 67 anos, lá atrás quando eu tinha 11 anos. Então, esse é o primeiro processo de envelhecimento que eu estou acompanhando de perto. Aí eu passei a rezar com ela. Todo dia, às 18h, ela assiste missa na televisão, porque ela não vai mais à Igreja. Eu rezo com ela!

Outra coisa que mudou muito foram as aulas, eu sempre fui de falar muito, entrar em sala de aula, cheia de livros e contando caso. Tive que aprender a ser outra professora. É difícil, porque a gente vê só os quadradinhos. Tem hora que alguém fala e você não sabe quem está falando. Por isso eu acho essa coisa mediada pela tecnologia, muito assustadora. As disciplinas terminaram bem, mas eu tenho a franqueza de assumir que eu não entendo bem de tecnologia.

Nesse período eu fiz alguns cursos pela *internet*. Três mil professores em sala para aprender a dar aula virtual. Três mil, quatro mil alunos: que mundo é esse? Bom, se é essa a aprendizagem, que se faça a aprendizagem. Parei de ir ao salão, mudei o cabelo de novo. Engordei, porque a vida é outra e tenho mais dores. Gasto um bom dinheiro com fisioterapia, porque o plano de saúde não cobre. As coisas que eu gosto não estão mais disponíveis. Graças a Deus, fui a Paris em janeiro, então ainda não estou sentindo falta de viagem. Eu sou muito adaptável. Fico triste por não estar participando de coisas com as pessoas que eu gosto. Ontem morreu a sogra de uma amiga minha. Juro que eu queria ir lá dar um abraço nela. Não ir, me deixa chateada.

Mas uma hora volta ao normal.

Com a pandemia, deu vontade de aposentar. Quero me aposentar, mas quero continuar na pós-graduação. Eu assino jornais, revistas e não tenho tempo de ler. Eu gostaria de ter mais tempo para ler e não fazer coisas porque tenho que fazer, mas porque eu gostaria de fazer. Acho confortável essa situação. Se eu quiser, eu posso parar hoje. Porque eu já tenho tempo, eu estou no topo da carreira. Na regra, pela qual eu entrei no Serviço Público, eu já podia ter me aposentado há uns cinco anos. Então, na hora que eu quiser, eu paro.

Eu gosto de pesquisar, de descobrir coisas, sabe? Eu tinha vontade de pesquisar mais sobre umas doenças, eu tenho vontade de estudar sobre Fogo Selvagem, que é uma doença que sempre me fascinou pela gravidade. Eu tinha vontade de fazer uma biografia do Baeta Viana. Eu acho que eu sou a pessoa que mais tem documentos sobre ele, o Baeta era um cientista, higienista e misógino. Ele era todo da década de 1930, mas é um personagem fascinante. Eu tenho vários desejos, e até eu começar a fazer vão aparecer outros. Tinha vontade de escrever sobre o químico alemão Alfred Schaeffer, o que eu tenho de documentos, vocês não têm noção. Eu tenho tantos projetos, mas tenho que ter tempo para escrever, para procurar o resto das fontes.

Na minha vida acadêmica, conversei com muita gente interessante, entrevistei muita gente bacana dessa área. Só esse ano, morreram alguns dos meus entrevistados, pessoas que eu fiz entrevistas imensas e um tanto de outros que morreram também. Eu acho que eu tenho que fazer alguma coisa com isso.

Eu tenho memória de muita gente, sou guardiã da memória deles. Eu tenho uma orientanda que está estudando o Clóvis Salgado, outra que está estudando sobre o Hospital Sofia Feldman, que também é uma coisa que eu já estudei e trabalhei. Tem a Isabela que está com a história da cesariana. Tem um que está estudando os sanatórios de tuberculose, que eu também já trabalhei no livro da *História da saúde*. Tem uma que está trabalhando, na Enfermagem, sobre os enfermeiros homens. Eu questiono essa imagem da enfermagem ser profissão feminina, enfermagem sempre foi cheia de homem, que são invisíveis, porque a história oficial é feminina. É porque, na verdade, eu sempre tive muitos interesses. Tem uma ex-orientanda minha que é professora na Escola de Enfermagem e coordenadora no Centro de Memória de Enfermagem, então já tenho para quem passar. Na hora que eu quiser, eu posso me aposentar. Eu já parei de dar aula na Nutrição, porque a primeira coisa que tinha que soltar era a Nutrição, porque a disciplina que eu mais gostava de dar aula, era a do primeiro período da Nutrição. Eu deixo primeiro o que vai dar mais dor, porque eu vou ver se eu sobrevivo e eu sobrevivi. Se eu sobrevivi a essa, não tem problema deixar a graduação de Enfermagem.

“Tem estrada para frente, vai para frente, porque para trás você já conhece. Para frente é a vida”

Essa entrevista ainda está junto com meu concurso de titular. Eu acho que ainda é a mesma coisa. Porque enquanto você está vivendo, não tem a noção do sucesso. Aliás, a gente tem mais a sensação de fracasso, do que de sucesso. Porque tem muita coisa que dá errado nesse meio do caminho. Eu estava trilhando um caminho novo, então é normal que tenham incompreensões. É normal que tenha ruído. Essa sensação de que você não está fazendo a coisa certa. Aquela ideia de que será que não era melhor ter feito o doutorado na Ciência Política? Acho que não tem que voltar para trás. Tem estrada para frente, vai para frente, porque para trás você já conhece e para frente é a vida. Aí quando fica falando só para trás, a impressão é que foi só sucesso.

Mas tem coisa que ficou, sabe? Tem coisa que não deu para seguir, teve caminho que a gente abandonou mesmo. Agora, é interessante a entrevista, porque você vai vendo a trajetória. E a trajetória é “cheguei aqui” e se chegou aqui, deu certo. Acho que é bom fazer essa reflexão depois mesmo. Senão, não vai. Eu entrei em muitos lugares novos. Aquela coisa que eu falei ontem, nem toda porta está trancada. Tem umas que estão encostadas. Aí você testa, abriu, entrou. Mas o certo é que atrás da porta tem novidade. Cada lugar novo é uma história, porque ali tem pessoas novas, tem valores diferentes. As mesmas pessoas em lugares diferentes, são diferentes. Tem que dar conta dessas diferenças da vida.

O que eu falei para vocês ontem é muito importante. Eu cresci com o jornal e com a biblioteca no quarto da minha tia. Eu cresci com esses dois tios que eram professores. Minha mãe era servente numa escola pública em que as diretoras e professoras eram amigas de minha mãe e ela era autoridade entre as outras serventes. Eu tenho uma madrinha de crisma, que era professora da escola da minha mãe. Então, eu sempre tive os professores em volta de mim. Eu achava viável ser professora. Outro dia eu vi uma aluna minha, negra, da Nutrição, que tinha se formado e estava lá tentando uma bolsa. Ela falou que ia tentar a bolsa, porque “é difícil a gente arranjar emprego”. Quando ela falou “a gente”, eu entendi. Ela é bem pretinha, do cabelo “sará”. As pessoas escolhem se vão dar emprego para aquele tipo de aluno. Isso quer dizer, ela é inteligente, mas ela vai ter dificuldade no mercado de trabalho. Se entre ela e outra que joga o cabelo para lá e para cá, a outra vai conseguir. Porque, o que é boa aparência? Boa aparência é uma coisa subjetiva, né? E têm um requisito de empregos que as pessoas têm que ter boa aparência.

Estava pensando também, eu queria casar e ter dez filhos. E aí, 17 para 18 anos eu estava terminando magistério e ia ser uma professora. Aí eu falei que ia fazer vestibular. Então, dez não dá, vai ser só nove. Aí quando eu fiz o primeiro ano de faculdade, achei melhor só oito e eu continuei estudando e eles foram sumindo. Talvez se eu tivesse tido filhos, eu ficasse pelo caminho. Eu ia, certamente, maternas, mas foi acontecendo outra história. História que gostei de viver.

Referências

GONÇALVES, Gláuber. História em progresso: os 30 anos da Casa de Oswaldo Cruz. *Casa de Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 26 dez. 2016. Notícias. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1191-historia-em-progresso-casa-de-oswaldo-cruz-completa-30-anos.html#.YD5362hKjIU>. Acesso em: 27 fev. 2020.

GRINBERG, Keila. O mundo não é dos espertos: história pública, passados sensíveis, injustiças históricas. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 12, n. 31, p. 145-176, set./dez. 2019.

LENT, Herman. *O massacre de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.) *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. Belo Horizonte: Letra e Voz, 2016.

MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.) *Que história pública queremos?* Belo Horizonte: Letra e Voz, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

SÁ, Dominichi Miranda de et al. *Diário da pandemia: o olhar dos historiadores*. São Paulo: Hucitec, 2020.

Recebido em 04/03/2021.

Versão final reapresentada em 23/04/2021.

Aprovado em 02/05/2021.

Contribuições dos autores: Valente: elaboração do roteiro de entrevista, realização dos dois momentos de entrevista com Rita de Cássia Marques, concepção do texto sobre história oral pública e envelhecimento, pesquisa bibliográfica; Porto: contribuição no roteiro de entrevista, realização dos dois momentos de entrevista com Rita de Cássia Marques, concepção sobre o campo da História da Saúde e das Doenças, pesquisa bibliográfica; Pimenta: contribuição no roteiro de entrevista, realização dos dois momentos de entrevista com Rita de Cássia Marques, revisão completa do texto.

Fonte de financiamento: Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - Auxílio à pesquisa Observatório Covid-19 Fiocruz; Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), encomenda para enfrentamento da Covid-19 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) - Bolsa; Bill & Melinda Gates Foundation (BMGF) - Auxílio à pesquisa.

Conflitos de interesse: nada a declarar.